

Lição n.º 1

ASSOCIAÇÕES MENTAIS PARA A DELINQUÊNCIA

Os livros sobre como fazer amor e sobre como ser feliz dariam vontade de rir se a situação sexual não fosse tão desesperada.

ALEXANDER LOWEN, *Amor e Orgasmo*

Se estiverem mesmo a ler estas palavras, se se tiverem MESMO inscrito num curso de sexo e amor por correspondência, é porque já ultrapassaram o obscuro limiar do desespero. Mas não se preocupem mais do que eu, que aceitei assumir este encargo. Permitam-me então, por sentir-me responsável pela utilização deste meio, que vos conte como aqui vim parar e porque é que decidi ignorar os preceitos da F.a.D. (Formação à Distância) S.p.A. relativamente aos conteúdos desta lição.

O meu nome é Caterina Cicutto, nasci há trinta anos em Roma, onde, não há muito tempo, consegui finalmente licenciar-me em sociologia. Compreendo se, devido à fama de pouco rigor de que goza a faculdade que frequentei, tal facto não certifica a minha competência seja em que matéria for, mas caso tenham tido oportunidade, tal como eu, de comprovar no que consiste a patranha que serve de base ao curso em que se acabaram de se inscrever, concordarão comigo que é bem melhor ficar em mãos pouco preparadas como as minhas,

mas que são aquilo que realmente são em todos os momentos, do que confiar nas mãos daqueles que vão à *manicure* e, logo de seguida, retiram o verniz das unhas com acetona. E se esta garantia vos deixar indiferentes, se decidirem trair a confiança que deposito em vós ao expor os meus escritos clandestinos e me entregarem algemada à justiça, então é porque merecem o verdadeiro curso por correspondência sobre sexo e amor, recheado de lugares-comuns *new age* e salpicado de abstrações apimentadas, mas vagamente compatíveis com a vossa realidade singular, com aquele paladar tipicamente beato/patriarcal difícil de identificar, mas de assimilação fácil. Enfim, será alegremente que pagarão para nada e com toda a pompa.

Partindo então do pressuposto de que ainda não me denunciaram e que continuam a ler, imbuídos de uma leve curiosidade em saber onde irei chegar, regresso a mim. Desde que, há vinte anos, deixei a casa dos meus pais, mudei dezenas de vezes de trabalhos precários, alguns bons, outros menos bons, cultivando sempre uma indómita paixão pela escrita. Mas até aos dias de hoje só consegui publicar apenas um pequeno poema numa publicação mensal distribuída gratuitamente no meu bairro. Apesar da glória não menosprezável que esse acontecimento me trouxe entre lojistas e vizinhos, poderão compreender a minha frustração por ainda não ter conseguido fazer da escrita o meu ofício. Até há pouco tempo trabalhava como empregada num restaurante perto de casa, obviamente sem qualquer perspectiva de contrato, quando o meu pai, um pequeno tipógrafo reformado e homem de infinitos recursos, me telefonou dizendo que tinha encontrado uma forma de eu me sustentar através da escrita. Excitadíssima, precipitei-me ao seu encontro, como nem sequer faço quando ele me leva em aventuras por entre velhas tascas sabe-se lá de que recantos de Roma e descubro que, graças a um ex-colega dele, eu gozava de uma forte recomendação para escrever *nada mais, nada menos que*: um curso de sexo por correspondência. Não tem graça nenhuma.

Cansada de levantar garrações de água, de percorrer mais quilómetros do que uma maratonista e, sobretudo, de enfrentar a arrogância e ignorância de quem não me vê como uma pessoa que está a trabalhar, mas antes como uma criada ao seu serviço, por fim decidi aceitar.

A F.a.D. S.p.A. é a mais histórica e próspera agência de formação à distância em Itália, e não apenas graças à vastíssima oferta de cursos para as mais diversas exigências, mas também, e sobretudo, como me explicaram logo na primeira entrevista, pela força do princípio em que se baseia toda a sua actividade, sintetizado assim pelo *slogan* eficaz reservado aos seus funcionários: *criar exigência para vender competência*. Mesmo que isso signifique persuadir um mudo para a necessidade de um curso avançado de dicção.

Vê-se que a minha recomendação era verdadeiramente forte, porque não tive que fazer nenhuma prova e fui admitida de imediato. A doutora Erminina Poggi, de uns quarenta anos mal vividos e oitenta e cinco quilos de misoginia com mamas, depois de me deixar claro que dentro da empresa ela era considerada como perita máxima na arte de tirar partido das frustrações femininas, sem se poupar a vaidades, descreveu-me as minhas tarefas ao pormenor: na base do programa, atribuído até há pouco tempo à infeliz rapariga que me precedeu (despedida de forma intempestiva devido a absurdas vocações educativas), irei escrever e enviar-vos a vocês, alunos, uma lição periódica, misturando o fundamental elemento químico propositadamente destilado pela F.a.D. para criar dependência e hábito: o desprezo velado por qualquer tipo de frustração e/ou dúvida relativamente à própria sexualidade. Tal como a Poggi literalmente afirma: «Devemos tirar partido da imperfeição e da depressão da imperfeição. O maior recurso da nossa empresa é que não existem pessoas perfeitas e, por isso, devemos convencê-las de que graças a nós o conseguirão ser. O facto de se tratar, como é óbvio, de algo impossível é garantia

de que seguirão os nossos cursos até ao tûmulo.» Ideias claras e directas ao objectivo, é evidente. Estes loucos pelo menos têm algo para me ensinar, a mim, que deambulo desde há anos na inépcia laboral.

Reconhecendo pois, para comigo, o modelo de audácia leonina da Poggi, passo a ilustrar-vos finalmente o meu audacioso, mas decidido, projecto. De tempos a tempos entregarei à F.a.D. as lições oficiais em perfeita consonância com os seus parâmetros, enquanto a vocês enviarei franqueza desobediante, epidérmica e anedótica, e um gosto pelo imprevisto que espero vos auxilie a todos a desfrutar da principal e universal vantagem da imperfeição: o de ser um fenómeno em crescimento.

Como bem sabem, o título deste curso é: *Sexo e amor sem medo*. Ora, nós sabemos que a F.a.D., mestre da ironia, ambiciona exactamente o contrário. Passando à frente das entrelinhas e respeitando finalmente as palavras e o seu significado, tomaremos à letra esta boa sugestão para o primeiro tópico propedêutico deste curso: a primeira vez que na nossa vida descobrimos a existência da sexualidade. Visto que nem sequer sei o que é um professor qualificado e que ao mesmo tempo me recuso a desempenhar o papel preconfeccionado pela F.a.D., contar-vos-ei a minha pessoal e conturbada experiência, desejando-vos uma catarse contagiosa.

A verdadeira primeira vez

Não há muito tempo veio-me à memória, aparentemente do nada, uma recordação nada banal, mas da qual já me tinha esquecido completamente: os meus primeiros jogos sexuais. Ao princípio fiquei bastante surpreendida por me ter esquecido de algo assim tão especial e emocionante, mas depois lembrei-me da capa católica que me envolvia quando era uma

jovem rapariga, e do empenho com que nos anos posteriores me esforcei por fingir que tal jamais havia acontecido, iludindo-me quanto à ideia de que conseguiria enganar Deus, que, porém, tudo vê e tudo sabe. E espero vivamente que também em vós exista uma espécie de orgulho posterior por terem empreendido semelhantes e fundamentais práticas, apesar dessas emboscadas psicológicas, as quais não vejo porque não possam ser equiparadas pela UNICEF a crimes contra a infância. Mas passemos à crónica pormenorizada dos acontecimentos.

Férias na praia na aldeia dos avós (que se soubessem como eu passava as tardes ter-me-iam mandado exorcizar), Verão de 1985: tinha dez anos. O desgraçado que escolhi como cobaia para as minhas primeiras experiências era um menino que passava comigo praticamente o tempo inteiro, porque era gozado e posto de parte pelos outros meninos por causa de um *hobby* que, apesar do escárnio de quem assistia, ele insistia em praticar com sólido entusiasmo: dançar e cantar *Like a Virgin* (não a canção, mas o álbum inteiro), imitando a Madonna, atitude que eu, pelo contrário, compartilhava plenamente. Chamava-se Salvatore, tinha menos dois anos do que eu e, por isso, como se diz delicadamente em Roma, *comia-o e cagava-o*.

Também eu era pouco engraçada, já com óculos grossos demais e magra como uma tábua. Assim, talvez fosse apenas pelo fascínio de ser de fora, por vir de Roma, ou pelo magnetismo de mulher madura que já atingiu a dezena de anos, o facto era que o pobre Salvatore me amava perdidamente.

As aproximações começaram depois de termos encontrado uma banda desenhada porca do tio do Salvatore, que me despertou a atenção ao ponto de me decidir imitá-la, sendo que o Salvatore fazia sempre tudo aquilo que lhe mandava, maldita pequena sádica. Da banda desenhada lembro-me de que era a preto e branco, formato de bolso, e que havia um velho com cabelos brancos que tinha uma pila enorme e que, graças a

esse prodígio, roubava as miúdas aos rapazes. Na verdade, o Salvatore não era assim tão dotado, mas era um homem, e também tinha uma pilinha, e assim, numa dessas tardes escaldantes, levei-o comigo a um pequeno bosque de zimbros um pouco afastado, daqueles onde em criança se vai à aventura e se imagina estar a atravessar uma floresta cheia de perigos e de mistérios por descobrir. Nós, por outro lado, fomos lá para investigar-mos a pilinha e o pipi, que, tanto quanto parecia, deveriam encaixar; na banda desenhada parecia tão fácil!

E, assim, esfregávamos e continuávamos a esfregar segurando a banda desenhada na mão, imitando cada uma das tiras, enquanto eu ia ficando cada vez mais impaciente por não sentir absolutamente nada (de longe, era muito mais excitante o medo antes de o fazermos) e a do Salvatore nunca mais se erguia, embora eu pensasse que era porque os tipos da banda desenhada eram adultos e o Salvatore era uma criança e, por outro lado, quem sabe se tem alguma coisa a ver o facto de, já em adulto, se ter tornado *gay*, desafiando o provincianismo e, sobretudo, a sua família, que fez tudo para o esconder na aldeia quando toda a gente já o sabia, desde sempre (*Small town boy!*). Ora, pergunto-me se ele se lembra desta história e o que pensa dela, pergunto-me se tive influência nos seus gostos sexuais, se naquele Verão a única coisa que aprendeu foi que as mulheres são mesmo idiotas e que, agora que tinha tido a sorte de perceber do que se tratava, de repente a coisa nunca mais lhe interessou o suficiente para ser aprofundada.

Em todo o caso, dada a menoridade, não me sinto responsável e espero que o Salvatore seja feliz com alguém. Mas é claro que o facto de o primeiro homem com quem fiz sexo se ter tornado *gay* não abona muito para a minha figura como professora deste curso. Confio, porém, na vossa solidariedade humana, porque não é certamente com base no modo como nos mostramos aos olhos do mundo que construímos a nossa felicidade.

Findo o Verão, uma vez regressada a Roma, dei-me conta com uma certa angústia de que as crianças nasciam precisa-

mente de práticas semelhantes. Não é que antes não o soubesse, estava apenas demasiado atraída pelo gosto do mistério e do pecado que havia cometido, não tinha tempo para racionalizar sobre as consequências. Assim, imaginem quando relacionei as coisas: quase que tive um ataque! Então, encontrei modestamente uma solução genial para sair limpa deste assunto. Fui ter com o meu irmão, cinco anos mais novo, e por isso também ele uma pobre marioneta nas minhas mãos, e disse-lhe: «Olha, Gabriele, faz assim, quando eu não perceber que estou distraída, tu dás-me um murro na barriga com toda a força que puderes.» Ele, ao início, estava relutante: «Não, senão depois tu bates-me», mas por fim, como sempre, consegui convencê-lo. E agora que trouxe à luz as memórias daquele período, quando penso no quanto me angustiava aquela nódoa indelével, na sensação de expiação dolorosa resultado das suas ciladas e dos murros no estômago que me partiam em duas (o miúdo tomara-lhe o gosto!), por um lado, dá-me vontade de amarrar a uma cruz o Mel Gibson e os fanáticos do sacrifício iguais a ele e, por outro, vontade de sorrir, e lembro-me daquelas cenas nas quais o inspector Closeau/Peter Sellers regressa a casa e o Kato salta-lhe para cima, vindo sabe-se lá de que esconderijo imprevisto.

Trabalho para casa

Agora, por favor, não me venham julgar (quem não tiver pecados, que se meta nos seus próprios assuntos), mas antes, rebusquem nos recantos obscuros da memória, reivindiquem os vossos direitos e contem a alguém a vossa VERDADEIRA primeira vez, a altura em que descobriram com outra pessoa a existência daquela coisa absurda e misteriosa a que hoje chamamos sexo, mas que nessa altura não tinha um nome e que ninguém deveria saber, mas que graças à nossa preciosa e indelével animalidade continua a existir.

DIÁRIO PORNO-ROMÂNTICO I

Ainda não consigo acreditar que me meti nesta história. Quando penso que apenas há um mês andava a esfalfar-me alegremente no restaurante, parece-me agora impossível que todos os dias me arrisco a falhar na primeira pessoa. E ainda por cima meto-me logo a fazer de professora, e de uma matéria destas! E logo eu, que quando tenho tudo prontinho para agradecer a um homem minimamente atraente me transformo na versão mais desajeitada e catastrófica de mim mesma! Mas também é verdade que não é isso que me tem impedido de conseguir fazer as minhas grandes conquistas e de ter vivido dois grandes amores, e só tenho trinta anos! Esta manhã deu-me para fazer balanços e pus-me a fazer algo um tanto ou quanto sórdido... claro que nunca o faria nas lições, senão adeus autoridade, mas diverti-me bastante: pus-me a contar com quantos homens já fui para a cama até hoje. Demorei algum tempo para ter a certeza de que não me esquecia de nenhum e no fim, contando apenas com aqueles com quem fui para a cama a sério (e assim ficam de fora curtes e mamadas várias), até hoje, as pilas que me penetraram foram vinte e três. Um número que, além de ser numerologicamente fantástico, possui uma certa dignidade quantitativa... enfim, digamos que por estar a leccionar um curso sobre sexo (apesar de certamente não ser comparável com a excelsa Moana), esta discreta amostra de homens que me penetraram terá algum significado. Acredito

assim que, como decidi leccionar o curso, é mais importante o facto de que, no fim de contas, sou uma rapariga normalíssima com uma vida sexual mais que normal, e, na minha opinião, isso torna-me muito mais apta para dar conselhos ou meter-me nos problemas seja de quem for do que uma estrela porno.

Em todo o caso, apesar do medo que me persegue de ser descoberta no emprego, tenho que admitir que é electrizante infringir as normas por algo em que se acredita verdadeiramente. E, dado que pretendo ser até ao fim fiel ao compromisso que assumi, decidi não só experimentar comigo mesma os trabalhos de casa que mando fazer, para ver o que acontece na primeira pessoa, mas também descrever neste diário os resultados e as reflexões que daí derivam. Deste modo creio que assumirei mais seriamente a coisa e, quem sabe, evitarei administrar lições que eu própria não seria capaz de realizar. Do tipo, aconselhar a adopção de comportamentos sedutores quando nem sequer sou capaz de recitar «E de repente é noite» sem me confundir toda.

Tive a ideia no outro dia, depois de ter terminado e enviado a primeira aula, na qual mandava os primeiros trabalhos para casa. Quando cliquei na tecla ENVIAR do servidor de correio, deu-me um calafrio de horror e disse para mim própria: mas estás doida, Caterina? Mas o que é que estás a pedir que façam esses pobres diabos? Que contem a alguém as porcarias que faziam quando eram pequenos? No mínimo, serão insultados e gozados sem piedade! E não só te amaldiçoarão por lhes teres causado total descrédito público, como também não pensarão duas vezes em denunciar-te e pôr fim ao teu sonho de glória antes mesmo de lhe teres dado início. Mas depois reflecti melhor e disse para mim mesma que, se durante a descoberta da sexualidade não existisse este véu de vergonha, muitos adultos de agora teriam visto repentinamente apagar-se da memória muitos daqueles traumas da descoberta em flagrante, da inquisição religiosa, e por aí adiante, e que fazem com que o meu trabalho para casa não seja assim tão absurdo. Pode ser arriscado, mas tem um sentido mais que válido.

Foi então que pensei experimentar contar também eu a minha primeira vez a outra pessoa e assim juntar a minha sorte à dos meus alunos, e sentir aquilo que eles sentem, e compreendê-los a um nível profundo! Bolas, que pedagoga! De facto, na escola primária cheguei mesmo a dizer à professora que quando fosse grande queria ser freira como ela, mas a parvalhona, não percebendo que para mim, com aquela idade, professora e freira eram a mesma coisa e que jamais me haveria de passar pela cabeça enfiar um hábito monástico, apaixonada que estava desde essa altura pelo amor, respondeu-me: «Caterina, escuta o que te digo, não penses nisso.» Mas quando penso nisso agora, se calhar era mesmo parva, mas se calhar também era um génio e já se tinha apercebido vinte anos antes que a castidade não tinha sido feita para mim. Talvez! Mas vamos ao que interessa sobre a minha experiência de campo.

Ontem à noite, enquanto saía do escritório, voltei solenemente a prometer a mim própria que faria o trabalho de casa e o convite de um amigo meu para jantar em casa dele, onde apenas o conhecia a ele e à namorada, pareceu-me a situação ideal. Também porque estes meus amigos são realmente fantásticos, mas as pessoas com quem se dão são um tanto ou quanto refinadas, do tipo estudantes de direito, ou de arquitectura, e por aí fora, pessoas inteligentes e interessantes, pelo amor de Deus, gente bem, mas precisamente os burgueses ideais para a experiência, já que se tentasse fazê-la com os meus amigos fricalhões, que não se escandalizam com nada, já os estou a ver a dizer: «Que lindo, Caterina, que palavras sagradas, a descoberta do sexo é fundamental para o crescimento e, de facto, é logo desde pequenos que começa a repressão, toma lá, fuma aí, eu por exemplo, com oito anos...»

Elogiável, mas decerto demasiado fácil! E assim eis-me a jantar em casa do casal de namorados mais porreiro que a história pode recordar, disposta a pôr em jogo a nossa amizade para sempre. A determinada altura da noite, entre o cuscuz e um

estufado de alcachofras de lambar os dedos, a ocasião foi-me oferecida de bandeja quando um tipo se recordou que tinha feito amor pela primeira vez numa aula da escola, durante uma ocupação. Foi então que me enchi de coragem e disse:

«Desculpem lá, mas porque é que se fala sempre da primeira vez que se fez amor e nunca da primeira vez que se descobriu o sexo, que ainda por cima é bem antes da outra?»

O tipo, sentindo-se muito orgulhoso do relato das suas primeiras quecas políticas, de repente ficou chateado e disse-me:

«Antes de mais, “bem antes” é realmente feio, além de incorrecto, e depois não estás a querer insinuar que as primeiras curtes são mais importantes do que a primeira vez que se faz amor?»

«Não estou a falar das primeiras curtes, mas da altura em que, em criança, descobriste que a pilinha não servia só para fazer chichi.»

Tudo bem, fui um pouco agressiva, mas quando fico nervosa das duas uma: ou me torno numa fera ou amuo, e se amuasse como faria para levar a cabo o trabalho de casa? Pobre de mim...

O tipo ficou um pouco atónito, talvez pensando nas primeiras vezes que se tocou, e foi então que uma rapariga com um invejável cabelo liso, presumível namorada dele, tentando acalmar a tensão, me disse:

«Tá bem, pronto, a primeira vez é quando se faz amor, ou pelo menos na minha opinião é mais romântico pensar assim!»

Agora já nada me parava, o que podia fazer? Não cederia um milímetro, é o que dá ser casmurra às vezes:

«Uma coisa não é romântica só porque uma pessoa quer que ela seja, ou é ou não é. Há muita gente para quem a primeira queca tanto esperada é uma desilusão. Porém, o bom de se descobrir o sexo em criança é precisamente não se saber o que é, é uma surpresa, e se os adultos não nos tivessem metido na cabeça que isso é uma coisa porca, teríamos gozado muito mais os nossos jogos infantis.»

A discussão estava lançada. O anfitrião olhava para mim atônito, como se pensasse: mas será que é a mesma Caterina que conhecemos no dia mundial do deficiente, a mesma que dava assistência aos incapacitados com tanta alegria e sensibilidade? Infelizmente para ele, sim, mas também os outros estavam todos calados e estupefactos, e assim aproveitei a ocasião: agora ou nunca, Caterina!

«Por exemplo, quando era pequena, apesar de a minha família ser muito católica e eu saber perfeitamente que estava a cometer um pecado, comecei a ter umas brincadeiras com um vizinho que era mais novo do que eu. Era bastante emocionante e, apesar de me envergonhar muito nos anos que se seguiram, quando percebi que isso era uma coisa natural, senti-me muito orgulhosa e hoje recordo com muita ternura as porcarias que fazia quando tinha dez anos.»

À minha volta: gelo. Alguém tossiu, outro começou a levantar a mesa e outro ainda tentou mudar de conversa:

«Bem, estas alcachofras... estavam realmente uma delícia! Mas como é que as preparas?»

Dava-me agora por vencida e, na minha cabeça, já me via desesperada a implorar por perdão, de joelhos, a todos os alunos do curso, quando o tipo da escaramuça inicial olha para mim e diz:

«Não sei quantos anos tinha, mas de certeza que estava na primária, porque me lembro de que a minha primeira vez aconteceu na escola, durante a hora de ginástica, estávamos a fazer uma roda e ao meu lado tinha-me calhado uma menina do quinto ano de quem eu gostava, era linda e, enquanto segurava na mão, lembro-me de pensar que era a primeira vez que lhe tocava e senti qualquer coisa de estranho nas cuecas. Penso que ainda não era uma ereção a sério, mas certamente tinha acontecido qualquer coisa de novo que eu não compreendia bem. No fim da aula, enquanto nos mudávamos, ela entrou nos balneários, mandou sair dois outros miúdos que estavam lá comigo e perguntou-me se eu queria vê-la. Eu nem sequer

percebi bem do que ela estava a falar, mas anui com a cabeça, e, então, pediu-me que o fizesse também e baixou o fato de treino e as cuecas, e então eu fiz mesmo. Depois disse: “Agora somos marido e mulher!”, riu-se e saiu a correr.»

«Bolas, essa história é tão bonita!»

Fiquei realmente admirada e arregalei os olhos, porque a minha primeira impressão foi pensar que ele era um pobre diabo que passava dia e noite a memorizar códigos! Entretanto, também os outros tinham parado para o ouvir e, quando ele terminou, alguns até aplaudiram! E uma rapariga até disse, piscando-me o olho:

«Mesmo bonita, a sério, e desta vez até se pode afirmar, também sem receio do contrário, de que se trata de um episódio muito romântico!»

«Sim, mas infelizmente era Junho e ela depois mudou de escola, foi o casamento mais breve e intenso de todos os tempos.»

Depois seguiram-se outros relatos, alguns ainda mais hard e hilariantes, os quais porém não relatarei porque, por um lado, aquilo que já aqui disse é suficiente para legitimar o sucesso da minha experiência e, por outro, porque fui ouvindo os restantes bonitos discursos da noite aos poucos por culpa das minhas hormonas completamente descontroladas pelo tipo do casamento de cinco segundos, que se revelou um tipo verdadeiramente espectacular: destilava desejo e pensamentos impuros relativamente a ele e que me distraíam continuamente! E nem o facto de pensar que o belo tipo tinha namorada me ajudava a recuperar a lucidez e a compostura, isto porque eu já estava completamente apanhada e só me restava esperar que a noite terminasse o mais rapidamente possível para pôr fim ao meu secreto suplício.

Porém, quando saímos para nos irmos embora e nos aproximávamos do carro dele, enquanto me despedia apressadamente de todos, ansiosa por ficar novamente sozinha e descontraír, aconteceu o inesperado: o Sr. Juiz, surpreendentemente atrevido, aproximou-se de mim e perguntou-me se eu não ia para a Via

Gregório VII... Claro que sim! (Como não?...) Então despediu-se com dois miraculosos beijinhos na face da tipa que eu julgava ser a namorada dele, entrou no carro comigo e, passados alguns minutos no limiar tolerável das emoções de um coração humano, tornou-se o número vinte e quatro. Que noite!